

CONSERVAÇÃO DE UMA DECORAÇÃO COM PAPEL DE PAREDE "FRESCO"

por Susan Nash

<http://www.adelphipaperhangings.com/Roseland%20Story.html>

(Nota do Editor : Os proprietários da casa pediram-nos para não publicarmos a sua localização, por receio de roubo ou vandalismo. O seu desejo foi respeitado.)

INTRODUÇÃO

O papel de parede da sala de jantar de uma Plantação, no Mississippi, era um raro exemplo sobrevivente de um dos mais interessantes esquemas de interiores dos anos 1850. Foi objecto de conservação in situ, em 1999-2000, por Susan Nash, Conservadora de Papel, profissional independente de Shepherdstown, na Virgínia (Estados Unidos).

O PAPEL DE PAREDE

A decoração deste papel de parede e desta sala chama-se "décor" ou "fresco". Caracteriza-se pela utilização de uma moldura em papel que divide as paredes em secções, geralmente com um papel de enchimento consistente por trás. No livro *"Wallpaper in America"*, Catherine Lynn afirma "Os papéis de parede com um tipo particular de padrão foram chamados de *"fresco papers"* durante os meados do século XIX." A. J. Downing explicou, em *"The Architecture on Country"* que estes *"fresco papers"* ... davam



o mesmo efeito que se as paredes formassem compartimentos ou painéis com as adequadas cornijas e molduras." Muitas casas americanas preservam exemplos de *"fresco papers"*, em que os elementos de moldura dos painéis rodeiam uma relativamente grande extensão de cor lisa, ou de um padrão simples e discreto, centrando um elemento decorativo elaborado, ou uma estátua ... Estes *"décors"* tornaram-se a preocupação das famosas fábricas francesas, desde os anos 1840, através dos anos 1860. Os americanos usaram a expressão *"fresco papers"* da mesma forma que os franceses usavam *"décors"*. Os papéis "fresco" imitavam apainelados em madeira com veios. Um exemplo de veios de madeira, executado no estilo "fresco", com cercaduras vermelhas figuradas, sobrevivia em condições degradadas nesta casa no Mississippi.

O arranjo deste papel de parede é um exemplo sobrevivente raro de papel com veios de madeira e de cercaduras floreadas, numa paleta monocromática. Todos os desenhos dos veios de madeira são de cor castanha sobre um fundo creme, e a cercadura floral, em estilo grego, tem sombras castanhas. Só uma faixa avermelhada na bordadura e nos cantos acrescenta alguma cor. Não é, de facto, um vermelho, mas um laranja luminoso, um vermelhão. Assim, o efeito geral, quando foi originalmente aplicado, era o de paredes levemente coloridas com um discreto desenho sombreado, sublinhado a laranja. Catherin Lynn afirma sobre os papéis com veios de madeira : "Além de imitações de tecidos, as especialidades francesas de *"trompe l'oeil"* incluíam imitações de veios de madeira... Até os mais severos críticos, que preveniam contra as superfícies com imitações de qualquer material diferente de si próprio, ficaram encantados pelos veios de madeira..." Por exemplo, na edição de Outubro de 1849 do *"Journal of Design"*, os editores incluíam uma pequena amostra de um papel de parede inglês imitando *Pollard Oak*¹, fabricado por Robert Horne. Aparentemente reconhecendo a sua própria inconsistência, os editores comentavam : "Os nossos leitores sabem que as imitações são dificilmente conciliáveis com os nossos princípios, mas não podemos deixar de sustentar a nossa aprovação quanto à admirável maneira como o artista imitou aqui a madeira. Aplicado numa superfície perfeitamente lisa e bem envernizado, ele consegue enganar até um olhar experiente. A sua "ilusão" global é excelente". No livro *"The Papered Wall : History, Pattern, Technique"* editado por Lesley Hoskins, Berbard Jacqué, no seu ensaio intitulado *"Luxury Perfected : The Ascendancy of French Wallpaper, 1770-1870"*, afirma : "Os anos 1840 testemunharam o sistemático desenvolvimento de um tipo de papel de parede que tinha aparecido nos finais do século XVIII. Conhecido em França por *"décor"* (menos frequentemente por *"decoration"*, *"boiserie"* ou *"encadrement"*), em Inglaterra por *"pilaster and panel decoration"*, e nos Estados Unidos por *"fresco paper"*, este papel consiste num esquema integrado organizado ao redor de um painel, sob a forma de uma parede apainelada com madeira". As litografias publicitárias da época mostravam geralmente um painel, um painel intermédio mais estreito, uma pilastra, uma bordadura, cantos, um friso e uma cornija, e um plinto para a parte inferior da parede. A ingenuidade deste esquema possibilitava que estas decorações se adaptassem a qualquer tamanho de sala, ao permitir que qualquer elemento fosse aumentado ou contraído.

Em Roseland, as paredes foram medidas e marcadas com um lápis sobre o estuque, para descreverem as divisões de cada parede e a localização das faixas de papel de parede com veios de madeira. O veio da madeira era aplicado por forma a ficar sempre paralelo às linhas da moldura. No interior das molduras, o veio era aplicado na vertical. As molduras consistiam em cantos em vermelhão com uma grande flor, e em régua com flores alternadas estavam cortadas em peças com tamanho apropriado. A formação de um padrão consistente e regular com flores alternadas era um desafio, nem sempre resolvido com sucesso. Os diversos painéis das paredes e o plinto ficavam bem alinhados. Na parede do pórtico, em vez de se acertarem as molduras com os espaços de parede disponíveis, era sobreposto um grande padrão de molduras que ficava interrompido pelas portas e janelas. No entanto, padrão permanecia regular no plinto, porque não tinha interrupções.



¹ N.T. – Espécie de carvalho

TECNOLOGIA DO PAPEL DE PAREDE

Este papel era impresso com tintas ² de guache (chamadas de "inks" na indústria do papel), sobre uma grande peça contínua de papel fabricado com um elevado conteúdo de trapos. As tintas eram aplicadas usando-se grandes blocos de madeira esculpida para cada cor. Neste papel de parede, em particular, havia cinco diferentes sombras em castanho sobre uma base colorida em creme, com os cantos e faixas em vermelhão, constituindo um padrão de sete cores, no total. O papel de parede era impresso sobre o tal papel de parede com elevado conteúdo de trapos porque se pretendia manter a flexibilidade desse papel. Foi aplicado directamente sobre uma parede estucada lisa, excepto na alcova, em que uma parede de madeira separava a sala de jantar de uma pequena cozinha. Aqui foi esticada e pregada uma tela, sendo depois aplicado o papel por cima desta. Depois de ser assente, o papel foi envernizado. Este verniz não foi analisado, mas é, provavelmente, uma mistura de substâncias que incluía laca.

DECORAÇÃO DAS OUTRAS DIVISÕES

Existe um grande vão em arco revestido a madeira, formado na parede norte, com uma chave de madeira sobressaída ao centro. Todo o trabalho de carpintaria, excepto o aro, que está pintado de preto, foi revestido a veio de madeira na mesma tonalidade que o papel de parede, e foi totalmente envernizado. De facto, parece ter sido revestido depois de aplicado o papel de parede, porque este passa por baixo da régua de lambril, e o veio de madeira e o verniz passam por cima desta. Como o verniz parece ser o mesmo e ter sido aplicado na mesma ocasião, a sala está consistentemente amarelada na mesma proporção e mantém uma aparência uniforme. O tecto foi feito com tábuas e cobre-juntas, e está pintado de branco. Junto à cornija e por baixo do cimo do papel de parede, pode-se encontrar tinta azul. Isto indica que o tecto era azul antes de o papel de parede ter sido instalado. A lenda diz que as moscas não pousam num tecto azul.

CONDIÇÃO DO PAPEL DE PAREDE

O esquema do papel de parede estava intacto, salvo num painel do plinto ao lado da porta do pórtico das traseiras. Esta área estava preenchida com cimento. O papel estava acinzentado e sujo na frente da lareira, o verniz e as tintas estavam oxidados e quase tinham desaparecido nalguns pontos. Havia muitas perdas de papel ao correr da verga da boca da lareira e num dos lados, especialmente no plinto. No cimo da parede havia fuligem acumulada. Em consequência de um assentamento não uniforme da estrutura da lareira, havia muitas fendas, inclusive uma fenda muito grande, profunda, ramificada e separada, que se dirigia para cima, do lado direito. Na parede oriental, ao longo do cimo, havia áreas com severos danos consequentes de água, em que o papel de parede estava deformado e do qual tinham caído partes. Para se disfarçarem estes danos, tinha sido feita uma pintura sobreposta com uma tinta de óleo vermelha e outra esverdeada. Sobre a porta do pórtico das traseiras, o papel tinha sido coberto com



² Paints, no original.

tinta vermelha. Por cima da porta do quarto, tinha-se deslocado um barrote criando uma barriga no estuque. A parede tinha-se deformado para dentro, e o estuque estava muito fracturado no canto; faltavam partes de estuque e de papel. Existiam redes de fissuras ao longo das paredes, algumas profundas e ramificadas. O papel de parede estava roto nesses locais e as fendas tinham acumulado poeira. A parede do pórtico estava numa condição razoavelmente boa. Tinham sido feitas reparações antigas no plinto, com cimento, e tinha sido usada tinta vermelha para as ocultar. Nas paredes interiores da alcova, os pregos tinham enferrujado e comido através do tecido, o qual tinha, eventualmente, desaparecido. A maioria da tela estava solta. As tintas estavam friáveis, provavelmente, devido ao movimento da tela consequente das alterações de humidade. Na porta, o plinto e a área acima da régua de lambril estavam extensamente marcados e arranhados. Existiam danos nos arcos, provocados por insectos, caracterizados pela perda de papel em padrões rendados, até ao estuque.

TRATAMENTO DE CONSERVAÇÃO

Limpeza

As paredes foram todas cuidadosamente escovadas com esponjas "*Absorene*" para limpeza de papel de parede. Na parede oriental, o revestimento de verniz era mais escuro e espesso, pelo que foi reduzido com álcool. A tinta foi arrancada, ou parcialmente arrancada, com um "*peeling*" comercial para papel de parede, e depois lavada com solventes. Esta tinta deixou, quase sempre, um "fantasma" vermelho. Nas áreas em que o papel estava muito brando, em consequência dos danos provocados pelo bolor, a remoção da tinta iria danificar ainda mais esse papel. Aí, a tinta de óleo foi deixada ficar. A área do porta do pórtico das traseiras estava especialmente sobrepintada, em grande extensão. Uma grande parte desta tinta vermelha saiu, ficando o desenho e o papel intactos por baixo dela, mas foi deixada uma grande área de tinta verde perto da porta. As outras áreas pesadamente sobrepintadas ficavam no canto sueste que estava quebrado. A maioria deste tinha desaparecido, e tinha sido aplicada, em tempos, muita tinta quer onde o papel se tinha perdido, quer por cima do papel remanescente.

Reparação de fissuras e preenchimento de perdas no estuque

As fendas ramificadas das paredes foram reparadas pelo levantamento do papel, a partir da aresta da fenda, e por preenchimento com um composto de reparação aligeirado. Sobre este preenchimento, foi aplicado um remendo com papel japonês, usando-se uma cola de metilcelulose. As bordas do papel de parede foram, depois, coladas com a mesma cola. O canto sueste envolvia uma reparação de estuque complexa. Antes de mais, as tiras de papel de cada lado das fendas foram amolecidas com álcool e água, sendo depois removidas. A seguir a fenda foi limpa das porções soltas de estuque. Como a parede oriental estava abaulada, não se podia criar um bom ângulo de 45 °. Foram aplicados, em ambas as paredes, bocados de têxtil em fibra de vidro para reparações, de forma a formarem um ângulo razoável, uma rede forte com cola de um dos seus lados, fabricada por "*PermaGlas-Mesh*". Finalmente, este canto foi estucado de novo com "*plaster of Paris*"³, criando-se assim um novo canto. Algumas fissuras eram tão finas que foram deixadas intactas.

³ N.T. – Gesso de estuque corrente.

Remendo das lacunas no papel

Onde quer que houvesse pedaços de papel em falta nas paredes, foi colocado um remendo de papel japonês. As bordas de cada lacuna foram levantadas e o papel japonês foi cortado para se adaptar ao tamanho da lacuna. Este foi colado à parede com metilcelulose. A seguir, as bordas do papel de parede receberam cola e foram pressionadas para baixo. Nalguns furos de insectos maiores sobre o arco, o furo recebeu cola e aderiu-se papel japonês. Então, depois de secar, o papel japonês foi recortado com um escalpelo, na exacta forma do furo de insecto. Apesar de bem sucedido, isto era muito demorado para se continuar a fazer. As grandes faixas de papel de parede, de ambos os lados do canto sueste, foram removidas, como preparação para a reparação desse canto. Essas faixas foram colocadas, de face para baixo, sobre uma mesa de trabalho coberta com polietileno, e as suas grandes lacunas forradas por trás com papel japonês. Então, as faixas foram preenchidas com papel japonês usando-se cola de metilcelulose e deixadas, sobre o polietileno, esticadas e a secar, com a face para baixo. Depois de secas, elas saíram do plástico com muita facilidade. A pequena porção do plinto do lado sul da frente da lareira foi removida e reparada em estúdio. As lacunas muito extensas foram preenchidas com papel japonês e tonalizadas com aguarela ou tinta de látex aguada; depois o conjunto foi forrado por trás com papel japonês e pasta de amido trigo cozido. Depois de secas, as secções reparadas do papel de parede foram recolocadas nas paredes. Isto foi feito através da aplicação de diversas demãos de metilcelulose nas paredes. A seguir foi aplicada a pincel uma camada colante de metilcelulose, o papel de parede relaxado por aspersão com água / etanol, e as porções colocadas nos seus lugares e escovadas. Os excessos de papel japonês do forro foram recortados, depois de secos.



Reparação do tecido

O tecido também foi removido do seu contorno em pregos enferrujados e colocado na horizontal. A parede de madeira foi escovada com metilcelulose, e foi aplicada uma forte emulsão acrílica nos contornos do tecido. A tela foi alisada com uma grande escova. Ao redor do contorno, foram usados pregos novos galvanizados para reforçarem a ligação da tela com a cola. As cabeças reluzentes desses pregos foram retocadas com tinta de látex para ficarem ocultas.

Consolidação da tinta

As áreas mais espessas de tinta, situadas na bordadura, estavam fissuradas e enroladas nas bordas. Nas paredes com tecido, toda a tinta estava friável e frágil. Esta tinta foi consolidada por aplicação a pincel de gelatina muito quente sobre as áreas fissuradas, foi deixada amolecer e secar a superfície, e depois brunida a tinta com um ferro de engomar de gravador.

Pintura

Em grandes áreas da antiga pintura que abrangia importantes áreas da decoração, a cor da tinta original foi coberta com tinta casca de ovo de látex para interiores "*Sherwin-Williams*". Os tons de cor creme do fundo e a meia sombra consequente do verniz descolorido, foram diversamente misturadas entre si, alterados com aguarela ou com guache, ou aplicados directamente nas lacunas, e depois vidrados com aguarela transparente, conforme a situação exigisse. Quando tudo secava, ficava ligeiramente brilhante, e a aguarela era bastante bem recebida. Esta, depois de seca, não é solúvel em água, pelo que foi possível ser feitas alterações na pintura dos topos superiores, sem que fosse removido o tom da base. O acinzentado do papel da lareira foi tonalizado, pela aplicação de aguadas finas de uma aguarela transparente da "*Windsor & Newton*". A reposição da decoração original era essencial para a aparência estética da sala. Isto foi conseguido por uma primeira demão de sobrepintura com tinta de látex diluída em água. A seguir, foram feitos diversos stenciles correspondentes à cor castanha escura, aos cantos vermelhos, e a um dos meios tons cremes das flores. Foi usado um desenho para cada grupo diferente de flores, como referência, de acordo com uma fotocópia colorida dos cantos. As flores e as tonalidades mais escuras das bordaduras não foram recriadas em todos os seus pormenores, mas foram usadas formas, sombras e contrastes para as sugerir. Os stenciles foram usados para as formas básicas e, depois, os pormenores foram acabados ao pincel. As figuras dos veios da madeira do papel dos enchimentos foram, por vezes, escovados com aguarela transparente. Foi ligeiramente riscada uma aguarela, com uma escova seca, sobre as grandes áreas lisas.



Revestimento superficial

Toda a sala estava envernizada, originalmente. Algumas das maiores áreas pintadas, e o papel por trás da porta, foram revestidos com uma fina demão de laca âmbar.